Guia para publicação entre línguas e fronteiras

LATIN AMERICAN GEOGRAPHIES -UK
LAG – UK

Por Mariana Arzeno, Mónica Farias, John C. Finn, Sam Halvorsen, Juliana Nunes Rodrigues, Lucas Palladino, Matthew A. Richmond, Ann Varley e Alejandro de Coss Corzo

Left-hand side image by Marco Nepomuceno

1. Panorama geral

Este guia foi escrito para quem publica em diferentes idiomas, países e contextos. Escrito por pesquisadores que atuam entre geografias anglófonas e latino-americanas, também é relevante para todos que trabalham em contextos internacionais.

O conhecimento é produzido e disseminado de diversas maneiras, em todas as línguas e regiões, mas muitos fatores atrapalham sua circulação. As desigualdades de status desvalorizam algumas formas de conhecimento e limitam seu alcance, enquanto restrições financeiras, institucionais e legais determinam qual produção intelectual é valorizada. Muitas dessas barreiras têm origem em hierarquias coloniais e contribuem para reproduzi-las. Elas tendem a seguir as divisões entre o Norte e o Sul globais, mas também existem, em escala menor, entre os países e dentro de cada um deles.

Como este guia demonstra, essas barreiras também existem dentro do mundo relativamente privilegiado da publicação acadêmica. Em outras palavras, o conhecimento acadêmico produzido em diferentes países e idiomas sofre com desigualdades significativas em termos de alcance, acessibilidade e status. Essas desigualdades têm uma dimensão político-econômica clara, ligada às enormes disparidades entre países ricos, de renda média e pobres, dados os recursos disponíveis para universidades, agências de fomento e periódicos acadêmicos. Elas também têm uma dimensão linguística, tanto no status hegemônico do inglês na academia quanto na posição privilegiada das línguas majoritárias e oficiais em relação às línguas minoritárias e/ou indígenas em muitos países. Por fim, há uma dimensão epistemológica associada a pressupostos amplamente difundidos sobre a validade de diferentes perspectivas e à capacidade de produtores de conhecimento ocidentais de impor os seus pontos de vista (em parte por meio de estruturas político-econômicas e da hegemonia linguística).

Os autores deste guia partem do pressuposto de que *isso é um problema*. Acreditamos que todos saem prejudicados quando alguns produtores de conhecimento são sistematicamente silenciados e quando o conhecimento produzido em universidades e periódicos prestigiados não é disponibilizado a todos que desejam acessá-lo. Em resposta a esse cenário, este guia oferece recursos práticos para quem busca publicar em outros idiomas, outros países e outros contextos. Ele enfoca especificamente as dinâmicas de produção e intercâmbio acadêmico entre geografias anglófonas e latino-americanas. No entanto, muitas das ideias mais importantes deste guia também se aplicam a outras disciplinas, línguas e regiões. Esperamos que ajude pesquisadores a se libertar do isolamento regional, disciplinar e linguístico e incentive editores de periódicos a encontrar novas formas de facilitar intercâmbios.

A primeira seção apresenta um panorama do setor editorial nas geografias anglófonas e latino-americanas. Ela identifica as estruturas e convenções por meio das quais o conhecimento geográfico é produzido e disseminado, os desafios que apresentam e alguns esforços atuais para superá-los.

A segunda seção traz informações e orientações práticas para acadêmicos latino-americanos que desejam publicar em inglês. Os temas abordados incluem a escolha do periódico, a estruturação e redação do manuscrito e como navegar o processo de revisão por pares.

A terceira seção é um diretório de periódicos de geografia proeminentes em inglês, espanhol e português, incluindo informações básicas sobre cada um e links para mais informações.

2. O panorama editorial nas geografias anglófonas e latino-americanas

i) Desafios do panorama editorial atual

Cada vez mais, o desempenho acadêmico é avaliado com base no número de publicações. Isso gera uma forte pressão e resulta no que alguns acadêmicos criticam como *"produtivismo"*[1]. Além disso, exige-se um tipo específico de produtividade. A pressão é para publicar nos chamados periódicos internacionais:

> esse produtivismo não se limita a acumular qualquer quantidade de trabalhos publicados, pois a indexação do periódico prevalece no processo de valoração. A famosa expressão "publicar ou perecer" transformou-se em "publicar no *mainstream* ou perecer na periferia"[2].

Essa lógica impõe desafios distintos para geógrafos anglófonos e latino-americanos.

O que são periódicos internacionais?

O termo tem mais de uma definição, mas alguns dos critérios mais mencionados incluem: corpo editorial com membros de diferentes países; indexação em uma base de dados global (por exemplo, a Scopus); inserção em canais globais de comunicação; publicação de artigos de autores com alcance internacional; alto fator de impacto; e, simplesmente, a reputação de ser um periódico internacional.

Originalmente utilizado apenas por bibliotecários, o Fator de Impacto do Periódico (*Journal Impact Factor*) é empregado cada vez mais para avaliar pesquisadores. Ele mede a frequência com que os artigos de um periódico são citados em um determinado ano. As empresas que medem esse fator se tornaram proprietárias das principais bases de dados de periódicos, que usam para estabelecer padrões de qualidade e rankings. Dois exemplos são a Web of Science (WoS), da Clarivate, e a Scopus, da Elsevier, bases de dados que apresentam um viés claro em favor do inglês e de periódicos publicados no mundo anglófono[3].

Esses processos dividiram os periódicos em uma espécie de *"mainstream"* e uma *"periferia"* (ou várias *"periferias"*), nos quais o idioma tem um papel central. Os chamados periódicos *mainstream* publicam quase exclusivamente em inglês, considerado a "língua global".

[1] Fernanda Beigel e Osvaldo Gallardo, 'Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas', *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, 16, no. 46 (2021): 43. Traduções do espanhol feitas pelos autores deste guia.

[2] Beigel e Olivardo: 43.

[3] Éric Archambault e Vincent Larivière, 'The limits of bibliometrics for the analysis of the social sciences and humanities literature', in: *World Social Science Report: Knowledge Divides*, ed. by UNESCO and International Social Science Council (UNESCO, 2010); e Michael Meadows, Ton Dietz e Christian Vandermotten, 'A perspective on problems and prospects for academic publishing in Geography', *Geo: Geography and Environment* 3, no. 1 (2016).

Alguns autores destacam o que chamam de uma *"periferia geográfico-linguística"*[4]. O conceito explica por que são incluídos tão poucos periódicos publicados em espanhol e português e, de forma mais ampla, em idiomas que não o inglês.

Em resposta, surgiram na América Latina bases de dados de periódicos que tentam dar visibilidade à produção científica da região, assim como a da Espanha e de Portugal, que, apesar de serem países europeus, também são pouco representados nas grandes bases de dados internacionais. Elas incluem o Latindex (Sistema Regional de Información en línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) e o Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal), ambos surgidos no México, e a SciELO (Scientific Electronic Library Online), com origem no Brasil. Essas bases de dados desenvolveram e conseguiram garantir critérios de qualidade. Ainda assim, nos sistemas de avaliação dos países latino-americanos, essas iniciativas tendem a ser consideradas bases de dados "regionais", e não internacionais.

A periferia geográfica, por sua vez, está intimamente relacionada ao idioma e ligada à possível marginalização, nos periódicos de maior impacto, de agendas de pesquisa de interesse local nos países latino-americanos[5]. Em geral, os periódicos dão preferência a contribuições que dialogam com determinados "circuitos" de debate predominantes nos países onde são publicados. Como a maioria dos periódicos indexados em bases *mainstream* é publicada em países de língua inglesa, ou mais amplamente em países europeus, surge um viés em favor de determinados temas. Isso reduz a abertura para debates produzidos em outros contextos acadêmicos. Para pesquisadores latino-americanos, isso impõe o desafio adicional de dominar o estado da arte em dois contextos distintos.

A prática de ranquear periódicos tem levado a um sistema paralelo de ranqueamento de indivíduos. O Google Acadêmico é cada vez mais utilizado para avaliar a amplitude e o alcance do impacto de um pesquisador[6]. Além de quantificar o número total de citações que um autor recebe por ano e ao longo de sua trajetória, o **índice H,** calculado pelo Google Acadêmico, indica o número de artigos que receberam um número mínimo de citações. Por exemplo, um índice H de 10 indica que o pesquisador publicou pelo menos 10 artigos, cada um citado ao menos 10 vezes.

Essas métricas se tornaram extremamente importantes nos sistemas de avaliação acadêmica. O "mapa de qualidade" dos periódicos que predomina nas avaliações latino-americanas tende a reproduzir os rankings internacionais. As publicações são consideradas mais valiosas quando o periódico em que aparecem está indexado em uma das bases da Web of Science do quando está no Redalyc ou no Latindex. Embora em alguns países tenham ocorrido avanços nas ciências sociais no sentido de atribuir um peso maior às bases de dados geradas na América Latina (por exemplo, no CONICET argentino e na CAPES brasileiro, os periódicos indexados na SciELO têm o mesmo valor que os indexados na WoS), em outros países ocorreu o oposto.

---

[4] Federico Vasen e Ivonne Lujano Vilchis 'Sistemas nacionales de clasificación de revistas científicas en América Latina: tendencias recientes e implicaciones para la evaluación académica en ciencias sociales', *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales* 62, no. 231 (2017): 202.

[5] Vasen e Lujano Vilchis: 202.

[6] O Google Acadêmico é um mecanismo de busca que reflete a língua dos sites que rastreia, incluindo editoras, universidades e sociedades profissionais.

É o caso do México e da Colômbia, onde os sistemas nacionais de ciência e tecnologia adotam o fator de impacto como indicador para classificar periódicos, utilizando como referência as principais bases de dados internacionais. Nesses países, a classificação dos periódicos chega a influenciar o regime salarial dos pesquisadores[7].

Tudo isso tem consequências para a circulação do conhecimento. Por um lado, é possível identificar a existência de uma *colonialidade da produção do conhecimento*[8], que se reproduz tanto no Norte quanto no Sul globais: o conhecimento produzido no Norte é considerado o "melhor", tanto no Norte quanto no Sul. Por outro lado, para acadêmicos latino-americanos, publicar em periódicos anglófonos torna-se muito difícil, especialmente devido à barreira linguística, já que esses periódicos publicam quase exclusivamente em inglês, o que acarreta custos ocultos significativos. Essas desigualdades de acesso e alcance são intensificadas pela divisão crescente entre os modelos de publicação de ***acesso aberto*** e de *assinatura* (ver Box 1). Além disso, os debates nos periódicos em inglês tendem a ser enviesados em favor de discussões mais proeminentes no Norte global e menos abertos a contribuições oriundas de outros contextos. Dessa forma, os periódicos integram um circuito que reproduz hierarquias epistemológicas.

Outras questões também devem ser consideradas à luz dos desafios criados por essas condições. Por exemplo: se pesquisadores latino-americanos são cada vez mais pressionados a publicar no *mainstream*, o que, na prática, significa publicar em inglês, como o conhecimento coproduzido com comunidades pode ser compartilhado com seus próprios membros? Mesmo dentro do mundo acadêmico latino-americano, a supervalorização de periódicos do Norte pode levar a pesquisa local a se orientar para a incorporação de debates produzidos no Norte como estratégia para aceitação, em detrimento do desenvolvimento de agendas locais e de debates teóricos próprios.

ii) Avanços e inovações

Muitos periódicos de geografia na América Latina aceitam e publicam artigos em inglês, além de espanhol e português. Alguns também aceitam artigos em francês. *Investigaciones Geográficas* (México) e *Mercator* (Universidade Federal do Ceará, Brasil) ocasionalmente publicam artigos em versões paralelas espanhol/português e em inglês.

As barreiras à publicação multilíngue são mais elevadas nos periódicos anglófonos, não necessariamente por causa de vieses editoriais: grandes editoras com frequência se recusam a publicar em qualquer língua que não seja o inglês. Embora alguns periódicos interdisciplinares ou de estudos regionais focados na América Latina aceitem submissões em espanhol ou português, e até publiquem artigos nesses idiomas, o mesmo não ocorre nos periódicos anglófonos de geografia.

Ainda assim, alguns periódicos têm introduzido mudanças que podem oferecer caminhos alternativos para superar barreiras linguísticas e epistemológicas.

Um exemplo é o *Journal of Latin American Geography* (JLAG), editado pela *Conference of Latin Americanist Geographers*, uma organização sem fins lucrativos com sede nos Estados Unidos. Esse periódico publica

[7] Vasen e Lujano Vilchis: 219.

[8] John C. Finn, Martha Bell, Jörn Seemann, Gabriela Valdivia e Eric Carter 'Introducing JLAG em Tradução/JLAG en Traducción, *Journal of Latin American Geography* 19, no. 1 (2020): 248.

Box 1. Modelos de "acesso aberto" versus modelos "apenas por assinatura"

A maioria dos periódicos anglófonos de mais prestígio opera sob o modelo de assinatura, o que significa que as instituições (geralmente universidades) precisam pagar taxas anuais para disponibilizar seu conteúdo a docentes, pesquisadores e estudantes. Essas assinaturas têm custos proibitivos, então é comum que apenas as universidades do Norte global e as instituições mais bem financiadas do Sul global consigam manter coleções extensas de periódicos por assinatura. Em contraste, a maioria dos periódicos na América Latina adota o modelo de acesso aberto, no qual qualquer um acessa diretamente o conteúdo de um periódico por meio de seu site, sem esbarrar em um *paywall*.

Embora tenham ocorrido iniciativas para ampliar as opções de periódicos de acesso aberto na geografia anglófona, a grande maioria dos periódicos — incluindo os mais prestigiados — opera sob o modelo de assinatura. Em geral, alguns artigos individuais publicados em periódicos por assinatura são disponibilizados em "acesso aberto", o que elimina as barreiras de acesso. No entanto, para que um artigo se torne "de acesso aberto", costuma ser necessário pagar uma taxa elevada, que apenas universidades ricas do Norte conseguem custear em nome de seus docentes, pesquisadores e estudantes (com o objetivo de aumentar o número de leitores e de citações). Em outras palavras, hoje, publicar em "acesso aberto" em periódicos anglófonos constitui um privilégio, e não a norma.

artigos de diferentes disciplinas, desde que tenham foco geográfico. O JLAG adota uma definição ampla de América Latina, incluindo tanto a região geopolítica quanto as chamadas "geografias latinx", isto é, geografias de populações latino-americanas nos Estados Unidos e em outros lugares. Embora não seja um periódico de acesso aberto, o JLAG implementou um sistema escalonado de taxas de publicação (*Author Publication Charge*, APC), no qual autores ou instituições baseados no Sul pagam um APC significativamente reduzido para que seus artigos sejam publicados em acesso aberto[9]. Além disso, o JLAG arca com os custos de tradução e com um ano de acesso aberto para artigos originais que considera particularmente significativos, publicando-os tanto em espanhol ou português quanto em inglês[10]. Da mesma forma, publica resenhas em inglês de livros escritos em espanhol e português, com o objetivo de promover sua circulação[11]. Autores de todos os continentes e de quase todos os países da América Latina já publicaram no JLAG, embora a maioria dos leitores acesse o periódico a partir dos Estados Unidos, do Canadá ou da Europa. As assinaturas são utilizadas para pagar tradutores, e a receita proveniente de eventos também ajuda a sustentar a organização.

Um caminho alternativo seria incorporar traduções a periódicos anglófonos. Por exemplo, o *Antipode: A Journal of Radical Geography* ocasionalmente publica

[9] John C. Finn, Eugenio Arima, Martha Bell, Jessica Budds, Jörn Seemann, Gabriela Valdivia, Diana Tung e Alan Marcus, 'Expanding access to the *Journal of Latin American Geography*, *Journal of Latin American Geography* 20, no. 3 (2021).

[10] Finn, Bell, Seemann, Valdivia e Carter: 247.

[11] Jessica Budds, Martha G. Bell, John C. Finn, Jörn Seemann, Eugenio Arima e Gabriela Valdivia, 'Language, translation, and the practice of decolonizing academic publishing/Lengua, traducción y la práctica de la descolonización de las publicaciones académicas/Linguagem, tradução e a prática de descolonização das publicações acadêmicas', *Journal of Latin American Geography* 22, no. 3 (2023).

traduções de artigos originais ou já publicados que são considerados significativos por sua contribuição à teoria e/ou à práxis em determinado momento, acompanhados de notas do tradutor ou do editor sempre que necessário. Os editores podem descrever a relevância do artigo no contexto histórico e geográfico de sua publicação original para contextualizá-lo.

Ainda não há exemplos de periódicos de geografia, na América Latina ou em outros lugares, que tenham publicado artigos em uma língua indígena falada na região. O periódico interdisciplinar *AlterNative: An International Journal of Indigenous Peoples* aceita submissões em línguas indígenas, mas publica em inglês. No entanto, os editores do *Journal of Latin American Geography* indicaram recentemente que, em princípio, estão abertos a receber submissões em línguas indígenas, sujeitas a considerações logísticas relacionadas à revisão por pares e à revisão de texto[12].

O tesauro incorporado aos processadores de texto é uma ferramenta valiosa para qualquer autor, escreva ou não em um idioma que não seja a sua língua materna, pois permite verificar o significado das palavras e encontrar termos mais adequados. Além disso, muitos veem a crescente disponibilidade de ferramentas de tradução baseadas em inteligência artificial como um ponto de inflexão no enfrentamento das barreiras impostas pela tradução à publicação fora do contexto de origem. Ainda assim, trata-se de um campo em desenvolvimento, e recomenda-se fortemente que todo manuscrito traduzido por IA seja revisado em conjunto pelo autor e por um falante nativo do idioma antes de ser submetido para publicação. É importante ressaltar que os autores devem sempre seguir as diretrizes específicas para autores de cada periódico e declarar de que maneira (se houver) a IA foi utilizada na preparação do manuscrito.

[12] Budds, Bell, Seemann, Arima e Valdivia: 7–8.

3. Publicar entre línguas e fronteiras: um guia passo a passo

i. Desenvolvimento da estratégia de publicação

Como vimos, a publicação tornou-se essencial para o desenvolvimento da carreira acadêmica. Na maior parte do mundo — e certamente nos contextos anglófonos e latino-americanos — publicar regularmente e nos lugares "certos" é fundamental para conseguir um emprego, conquistar promoções e vencer editais de financiamento à pesquisa. Apesar das críticas importantes ao *"produtivismo"* e às perversidades de um sistema que gira em torno de fatores de impacto, a publicação regular também possui aspectos claramente positivos. Publicar permite que pesquisadores desenvolvam suas ideias e as aprimorem por meio da revisão por pares. Além disso, permite a disseminação dos resultados de pesquisa entre a comunidade acadêmica, e até junto à sociedade em geral, de forma estruturada e focada.

Esta seção apresenta orientações práticas e estratégicas para enfrentar o processo de publicação.

Um bom ponto de partida é desenvolver uma estratégia de publicação. Isso significa traçar um plano para produzir o tipo de resultado, nas quantidades e variedades adequadas, que o ajudará a alcançar seus objetivos acadêmicos e profissionais e a compartilhar sua pesquisa com os públicos que deseja atingir. Os detalhes da estratégia podem variar entre países, disciplinas e circunstâncias individuais, mas, de modo geral, vale a pena ter uma. Como vimos, muitas vezes há um conflito entre os objetivos de progredir na carreira e de atuar através de fronteiras linguísticas e de outros tipos. Você pode querer produzir resultados em uma língua ou para um público que não é priorizado pelas instituições acadêmicas. Por outro lado, pode haver uma expectativa profissional de que publique em um idioma que lhe impõe desafios adicionais. Dadas essas pressões conflitantes, duas estratégias são a diversificação dos resultados e a publicação colaborativa.

Diversificar os resultados ajuda a atender às expectativas acadêmicas sem abrir mão dos benefícios intelectuais e sociais de publicar em outras línguas e para diferentes públicos. É claro que, em alguns momentos, será necessário estabelecer prioridades. Ainda assim, isso não significa que é preciso subordinar seus resultados a uma lógica instrumental ou a métricas institucionais. Publicar em diferentes línguas e para públicos não acadêmicos possui um valor intrínseco e, no longo prazo, tende a beneficiar tanto a pesquisa quanto a sua trajetória profissional.

Falar é fácil, é verdade. Como argumentamos, periódicos anglófonos e latino-americanos tendem a se concentrar em determinadas agendas e a estar imersos em debates e abordagens teóricas diferentes. Também apresentam suas próprias normas quanto à estrutura dos textos e ao estilo de escrita. Para dialogar de forma significativa com qualquer um desses espaços, é preciso ler bastante, acompanhar a literatura e desenvolver o estilo esperado. Da mesma forma, o engajamento com públicos não acadêmicos pode ser demorado e apresentar seus próprios desafios de interação e tradução. Assim, autores que assumem esse trabalho adicional podem estar em desvantagem em relação aos colegas.

Por essas razões, diversificar resultados em línguas e formatos diferentes torna-se mais viável quando se colabora com pessoas que possuem habilidades linguísticas e perspectivas epistemológicas distintas. A colaboração ajuda a distribuir a carga de trabalho e facilita a produção de um número maior e mais diverso de publicações. Além disso, reúne competências e pontos de vista variados que podem enriquecer o trabalho acadêmico e ajudar a adaptá-lo a diferentes

contextos. A colaboração pode assumir diferentes formas, desde redes informais nascidas de grupos de leitura até o apoio mútuo em tradução e revisão de textos, ou formas mais intensas de pesquisa em equipe e escrita conjunta.

Nas formas mais intensas, o sucesso depende de desenvolver rotinas e práticas de trabalho (e de escrita) complementares, e é evidente que essas devem ser conduzidas da maneira mais equitativa possível. Todos os envolvidos devem se beneficiar igualmente. Isso nem sempre é fácil, dadas as desigualdades de senioridade, status e recursos que podem implicar diferentes níveis de esforço e contribuição, especialmente quando o trabalho atravessa fronteiras linguísticas e nacionais. Estar consciente dessas questões e se esforçar constantemente para garantir colaborações equitativas e produtivas são, portanto, essenciais.

Vale observar que publicações com um único autor e publicações em coautoria nem sempre são valorizadas da mesma forma por empregadores acadêmicos, e que isso varia entre instituições e países. A ordem dos nomes dos autores também pode ser relevante, e com frequência se supõe que o primeiro autor listado é o "autor principal". Para lidar com essas ambiguidades, bem como com as exigências de alguns sistemas de avaliação, alguns periódicos passaram a exigir que os coautores especifiquem o papel que desempenharam na produção do artigo, tanto na pesquisa quanto na escrita.

ii. Escolha do periódico

Embora o reconhecimento atribuído a diferentes tipos de resultados varie conforme o contexto, artigos completos revisados por pares continuam a ser considerados o padrão ouro. Isso ocorre porque passam por processos de avaliação rigorosos e imparciais: normalmente, embora nem sempre, uma revisão por pares duplo-cega realizada por dois ou três **pareceristas**. Portanto, qualquer estratégia de publicação deve dar prioridade à produção de artigos em periódicos bem avaliados, especialmente no caso dos trabalhos que você considera mais fortes.

Isso não significa que você precisa esperar até que os resultados de um projeto de pesquisa longo e complexo estejam finalizados antes de começar a publicar. Muitos periódicos aceitam diferentes tipos de contribuições, além dos chamados "artigos de pesquisa". Por exemplo, periódicos aceitam textos denominados "intervenções" ou "debates" (ou termos equivalentes), que costumam ser mais curtos, de caráter crítico, reflexivo ou provocativo, destinados a estimular a discussão, sem necessidade de pesquisa original. Outros formatos breves incluem relatos sobre inovações metodológicas, novas fontes de dados ou novos arquivos. Ensaios de resenha de livros (que analisam obras em profundidade) também são uma alternativa, embora muitos periódicos encomendem resenhas individuais e ensaios de resenha e, por razões éticas, não aceitem resenhas não solicitadas.

Uma consideração ao escolher um periódico para submissão é, portanto, o tipo de produção acadêmica que ele aceita, conforme indicado em seu site. O resto desta seção apresenta questões mais gerais na escolha de um periódico para um artigo de pesquisa.

Em primeiro lugar, é importante considerar o prestígio do periódico. Em parte, é um conceito intangível. Apesar das preocupações discutidas acima, a indexação em bases de dados e métricas quantitativas, como fatores de impacto e rankings, podem servir de ponto de partida, embora o desempenho dos periódicos varie ao longo do tempo. Para além das métricas, os periódicos são mais ou menos valorizados dentro de suas (sub)disciplinas, e essa reputação pode evoluir com o tempo. Consultar um pesquisador experiente ajuda a esclarecer essas questões. Nem todos os

artigos precisam estar em periódicos altamente prestigiados, mas espera-se que alguns estejam, e recomenda-se que você direcione seus trabalhos mais fortes para esses veículos.

Em segundo lugar, um fator crucial para a probabilidade de aceitação e para o público leitor é a adequação (*fit*). Periódicos de geografia não são o melhor espaço para todos os trabalhos de geografia. Em alguns casos, é possível oferecer uma contribuição mais relevante quando optamos por publicar em um periódico cujo público é composto tanto por geógrafos quanto por pesquisadores de áreas afins, como estudos urbanos ou ambientais, ou até em que os geógrafos são minoria. A escolha do periódico influencia a forma como você escreve o artigo e os debates com os quais dialoga. Da mesma forma, alguns periódicos se concentram em resultados de pesquisa, enquanto outros são mais abertos para contribuições teóricas, ou mais focados nelas.

Para avaliar a adequação entre um periódico e o seu trabalho, sempre consulte o site do periódico, que normalmente contém uma seção intitulada "Aims and Scope" ("**Objetivos e Escopo**"), ou algo equivalente, e leia artigos publicados recentemente. Um bom indicador é se você citou (ou pretende citar) artigos publicados nesse periódico – na verdade, alguns editores consideram a ausência dessas citações como sinal de que o periódico escolhido não é adequado ao trabalho. Se ainda houver dúvidas, você também pode enviar um e-mail diretamente ao editor-chefe do periódico e incluir um **resumo** ou *abstract* do artigo. Em geral, os editores respondem de bom grado, pois a revisão por pares é um processo demorado que precisa ser evitado quando o manuscrito não é adequado ao periódico.

Por fim, a escolha do periódico também envolve algumas questões práticas. É importante verificar as diretrizes do periódico quanto ao tamanho e ao formato dos artigos e avaliar se são apropriadas para o seu trabalho. Confira também se há informações sobre o tempo médio para o recebimento dos pareceres (que costumam estar indicadas nos sites dos periódicos), especialmente se estiver tentando publicar com rapidez. Pode haver uma razão específica para se publicar em um periódico, por exemplo, se você fizer parte de um dossiê temático (special issue). Por fim, vale considerar se o periódico opera sob um modelo de assinatura ou de acesso aberto, pois isso tem um impacto significativo sobre o público leitor. (Como vimos no Box 1, essa questão é mais relevante na geografia anglófona, uma vez que os periódicos latino-americanos publicam majoritariamente em acesso aberto). Ao escolher um periódico, sempre considere questões de prestígio e adequação junto com esses aspectos práticos e equilibre-os de forma a maximizar a probabilidade de aceitação enquanto promove sua estratégia de publicação.

iii. Redação do manuscrito

Um artigo de periódico deve conseguir se sustentar sozinho em termos de estrutura e argumentação. Isso é particularmente importante para textos vinculados a projetos maiores, como uma tese de doutorado.

Os artigos devem demonstrar que oferecem uma contribuição original e substantiva ao campo. Artigos de revisão quase nunca interessam à maioria dos periódicos anglófonos, embora alguns se especializem nesse formato, como *Progress in Human Geography*, *Progress in Development Studies* e *Geography Compass*. Essa especialização não significa, contudo, que o capítulo de revisão bibliográfica de uma tese de doutorado seja adequado. Afinal, na tese, ele funciona principalmente como uma espécie de prefácio para os capítulos posteriores e pode adotar uma perspectiva de longo prazo em vez de se concentrar em debates atuais ("progresso").

O enquadramento do argumento é uma parte

central da construção do manuscrito. Isso envolve situar o argumento em um debate ou literatura mais amplos, que devem ser relevantes para o periódico em questão. Periódicos anglófonos tendem a enfatizar debates e contribuições contemporâneas, sem necessariamente inseri-los em genealogias disciplinares e conceituais mais longas. Em periódicos em português e espanhol, enquadramentos genealógicos mais extensos são comuns, ou até esperados. Esses diferentes enquadramentos moldam o que se entende por originalidade em periódicos e culturas acadêmicas em português, espanhol e inglês. Embora os debates que ocorrem nos circuitos de publicação do Norte global dominem há muito tempo os periódicos anglófonos, pareceristas e editores começam lentamente a reconhecer a necessidade de incorporar debates oriundos da América Latina ou de outros contextos, que podem ter aspectos diferentes. Ainda assim, do ponto de vista prático, quem deseja publicar em um periódico anglófono precisa reconhecer a persistência desse viés, pois não dialogar suficientemente com os debates que circulam nesses periódicos tende a levar à rejeição. Ainda assim, para quem escreve sobre um tema latino-americano, não citar a literatura acadêmica produzida na região é inaceitável e dificilmente passará sem críticas dos pareceristas. No melhor dos casos, a resposta incluirá pedidos de revisão.

Artigos de periódicos tendem a seguir uma estrutura padronizada. O enquadramento conceitual deve ser articulado de determinada forma com a metodologia, os resultados e a discussão, embora a maneira exata varie conforme o tipo de informação analisada e as convenções de cada subcampo da geografia. Por exemplo, em periódicos anglófonos, a geografia cultural e os subcampos adjacentes tendem a preferir estruturas mais ensaísticas, enquanto na geografia física costuma haver uma distinção mais clara entre métodos, resultados e discussão. Em todos os casos, pareceristas e editores esperam uma análise clara da abordagem e/ou dos métodos utilizados, considerada crucial para avaliar a força do argumento e da contribuição. Além de repetir o que já foi dito, a conclusão deve desenvolver a importância e as consequências do argumento. Uma boa prática é consultar artigos publicados no periódico escolhido para se familiarizar com a estrutura preferida.

As convenções de estilo variam bastante entre periódicos em português, espanhol e inglês. Periódicos anglófonos, em geral, preferem um estilo direto e explícito, com termos claros e cotidianos, em vez de abstrações vagas. As conexões entre as ideias devem ser estabelecidas de forma clara. O inglês acadêmico também tende a evitar voz passiva, contrações e o uso de conectivos no início de frases. Periódicos de geografia humana geralmente aceitam o uso de pronomes pessoais, embora alguns periódicos e subcampos prefiram um estilo mais impessoal. A maioria dos autores utiliza “I” (eu) e só recorre a “we” (nós) quando o artigo tem múltiplos autores — uma diferença importante em relação ao português e ao espanhol. Estude artigos publicados no periódico de interesse para se familiarizar com as convenções de estilo, assim como fez com a estrutura, especialmente se não estiver escrevendo em sua língua materna.

iv. Preparação do manuscrito para submissão

Antes de submeter o manuscrito, confirme que ele atende aos requisitos de formatação do periódico. Em geral, essas informações se encontram em uma página do site do periódico intitulada “Author Guidelines” (ou equivalente). A página traz informações básicas sobre exigências de formatação, como fonte e tamanho do texto. Ela também especifica o estilo adotado pelo periódico para citações e referências bibliográficas e, o que é crucial, o limite máximo de palavras. Os periódicos tendem a ser rigorosos com o

limite de palavras, então não ultrapassá-lo, mesmo que por pouco, é muito importante. As referências, em particular, podem consumir um número enorme de palavras e, em geral, contam para o limite permitida (a menos que se indique o contrário). É melhor tomar cuidado durante a escrita em vez de estourar o limite e depois ter que gastar muito mais tempo para revisar o rascunho e reduzir a contagem de palavras. Desrespeitar o limite de palavras pode fazer com que o manuscrito seja devolvido ao autor para encurtamento e nova submissão, causando atrasos no processo de avaliação. No pior cenário, o manuscrito pode ser rejeitado (**Rejeição editorial inicial**, desk rejection) imediatamente, sem revisão.

Você também deve fornecer um título, **palavras-chave** (geralmente até cinco ou seis) e um resumo dentro do limite máximo de palavras. Manuscritos submetidos para avaliação nunca devem incluir o nome dos autores, e autocitações no texto geralmente precisam ser anonimizadas. No entanto, pode ser solicitado que você forneça uma "página de título" — um documento separado, de uma página, com informações como título, resumo, palavras-chave e nome e afiliação do autor — ou uma cópia separada com essas informações adicionais. Também pode ser solicitado uma carta de apresentação aos editores, com uma breve descrição do artigo ou uma declaração concisa de sua contribuição pretendida e de sua adequação ao periódico.

Ao formular o título, as palavras-chave e o resumo, lembre-se de que essas são a grande porta de entrada para os leitores que não conhecem seu trabalho. Essas informações aparecem em grandes bases de dados, onde os usuários buscam trabalhos sobre determinados temas. Portanto, o título e as palavras-chave devem refletir o tema com a maior precisão possível, mas também devem utilizar termos interessantes e pertinentes ao campo, que ajudem a chamar a atenção. Os resumos devem sintetizar de forma clara e sucinta o tema do artigo, a abordagem e os resultados principais. Escrever um bom resumo pode ser muito mais difícil do que parece, mas o esforço vale a pena, pois é uma das principais formas de atrair leitores.

O resumo (abstract) é particularmente importante. Do ponto de vista de um editor, o título e o resumo são fundamentais para identificar avaliadores adequados e determinar se um manuscrito deve seguir para a etapa de revisão completa. Um resumo mal escrito pode, portanto, constituir um grande obstáculo já nas fases iniciais do processo editorial.

Um resumo deve sintetizar o artigo, e não apenas introduzi-lo. Uma estrutura útil para o resumo é a seguinte: (1) Apresentar brevemente o problema ou o contexto da pesquisa; (2) Explicar o objetivo do artigo e sua contribuição para a literatura; (3) Indicar a abordagem, os métodos ou as evidências utilizadas; (4) Resumir o argumento principal ou os principais achados.

Ao escrever o resumo, pode ser útil pensar a partir da perspectiva de um potencial avaliador ou leitor que está entrando em contato com o artigo pela primeira vez. Somente a partir do resumo, essa pessoa deve ser capaz de identificar o tema, a perspectiva teórica ou subdisciplinar, a abordagem metodológica e os debates com os quais o artigo dialoga.

Um resumo claro e bem estruturado facilitará a tarefa dos editores na identificação de pareceristas e aumentará a probabilidade de que leitores, ao pesquisar em bases de dados de periódicos, encontrem e se interessem pelo seu trabalho.

Para submeter seu artigo, é preciso usar um portal de submissão. Cada periódico tem um portal, e esses sistemas podem ser difíceis de usar. É preciso criar uma conta e fornecer informações pessoais, como nome, afiliação e dados de contato. Também é preciso inserir informações sobre o manuscrito, incluindo título, resumo, palavras-chave, informações

de financiamento (quando relevante) e agradecimentos. Em seguida, solicita-se que você faça o upload do documento (geralmente em formato Microsoft Word ou semelhante), juntamente com uma página de capa (quando aplicável) e quaisquer figuras (como mapas, gráficos ou fotos) que pretende utilizar. Os periódicos têm requisitos de resolução de imagem e, se o artigo é aceito, é preciso obter a permissão dos detentores de direitos autorais para usar as figuras produzidas por terceiros. É preciso fornecer numeração e legendas para figuras e tabelas e indicar onde elas devem ser inseridas no texto.

Os portais de submissão variam bastante entre os periódicos, mas as diferenças entre contextos nacionais não são significativas. Uma diferença menor é que periódicos em português e espanhol muitas vezes exigem que o título, as palavras-chave e os resumos sejam fornecidos no idioma do artigo e também em pelo menos um outro idioma especificado. Com raras exceções, isso não acontece em periódicos anglófonos. Navegar pelos portais pode ser confuso no início, mas o processo se torna mais simples com a experiência.

v. O processo de revisão por pares

Os processos formais de avaliação em periódicos anglófonos e em periódicos em português e espanhol são quase idênticos. Eles envolvem quatro etapas: triagem inicial, revisão por pares, decisão editorial e, por fim, aceitação ou rejeição final. Na triagem inicial, os editores avaliam se o manuscrito é adequado ao periódico. Os critérios de avaliação incluem estilo, substância, extensão, qualidade, abordagem e adequação (*fit*). É raro receber comentários extensos quando o manuscrito é rejeitado nessa etapa.

A segunda etapa é a revisão por pares. Os editores selecionam pareceristas em potencial, embora alguns solicitem que você indique pareceristas adequados no momento da submissão. A avaliação duplo-cega é o método mais comum. Normalmente, os periódicos anglófonos solicitam três pareceres, embora as decisões editoriais finais possam se basear em um número menor. Os pareceristas orientam os editores sobre a qualidade e a adequação do manuscrito. Para isso, escrevem uma apreciação crítica que, às vezes, pode ser dura, especialmente se considerarem que os argumentos não foram bem sustentados ou que “não captou o ponto”. É importante levar essas críticas a sério, pois muitas vezes ajudam a melhorar o argumento e a apresentação.

A maioria dos pareceristas aponta problemas na escrita, mas alguns comentários podem parecer injustos ou sugerir que o avaliador não entendeu o artigo. Nesse caso, entre em contato com os editores e expresse suas preocupações. Contudo, esta deve ser uma resposta excepcional, usada apenas após reflexão cuidadosa e consulta a outras pessoas. Quando as críticas dizem respeito à linguagem, recorra às suas redes acadêmicas e peça a ajuda de revisores voluntários, preferencialmente falantes nativos, que possam ajudá-lo a reescrever o artigo de forma clara e precisa. Para quem recorre à tradução profissional, uma decisão difícil é se o tradutor deve ser contratado para a submissão inicial ou após uma revisão maior. A resposta depende do seu nível de competência no idioma em questão.

Em geral, há quatro recomendações principais possíveis após a revisão por pares: 1) aceitar; 2) solicitar **revisões menores**; 3) solicitar **revisões maiores**; e 4) rejeitar. Quando recebe pareceres suficientes, o editor comunica e explica sua decisão editorial em uma carta, que pode incluir uma lista de mudanças sugeridas. Nos casos em que os pareceres divergem amplamente, os autores normalmente recebem orientações claras sobre como abordar e responder às recomendações. Após a revisão, o artigo pode ser reenviado a um ou mais dos pareceristas originais. Em alguns casos, pode ser preciso responder a novas

recomendações e mudanças sugeridas.

Se revisões menores ou maiores são solicitadas, considere-as seriamente. Isso ajuda a desenvolver seu artigo, o que fortalece os argumentos centrais e a contribuição. Isso vale inclusive quando você sente que o parecerista "não entendeu", pois pode haver maneiras de explicar seu argumento ou ideia com mais clareza — ainda que não exatamente da forma como o parecerista recomendou.

Depois de revisar o manuscrito, você pode usar o portal para submeter uma versão atualizada ao periódico. Também é possível fazer o upload de uma carta ao editor, explicando as mudanças realizadas, como respondem a sugestões e recomendações e de que modo contribuem para desenvolver o manuscrito. Nada disso significa que você precisa aceitar todas as recomendações, pois é possível discordar delas, explicando de forma clara e fundamentada o porquê. No entanto, contestar a maioria das recomendações é uma má ideia, especialmente quando os pareceristas concordam entre si (eles, evidentemente, não conhecem a identidade uns dos outros). Os pareceristas geralmente recebem essa carta, então é importante que ela seja específica, clara e escrita com cuidado. Alguns periódicos têm instruções específicas sobre como estruturar essa carta. Outros podem pedir que você submeta uma versão do manuscrito com alterações destacadas e outra sem destaque. É sempre importante seguir essas instruções à risca.

Seu artigo só é aceito quando os editores e pareceristas estão satisfeitos com as revisões.

Você recebe um comunicado formal de aceitação e o artigo segue para a etapa de produção. Em periódicos anglófonos, a produção tende a ser administrada pela editora. Em geral, não há muito contato com você até o envio das provas (*proofs*). Essas provas representam a versão final do artigo e incluem uma lista de perguntas do editor de produção, em geral sobre questões de estilo e gramática, posicionamento de figuras e tabelas e aspectos semelhantes. Quase sempre incluem perguntas sobre as referências, então vale a pena acertar as informações bibliográficas de primeira. Nessa etapa, os autores são encorajados a não reescrever o texto, e mudanças substanciais com certeza não devem ser realizadas. Quando a revisão de provas está concluída e suas respostas foram aceitas, o artigo é publicado. Com frequência, os artigos são publicados primeiro online e depois na versão impressa.

Por fim, é importante lembrar que revisões maiores e rejeição são os desfechos mais prováveis para a maioria dos autores; e não cabem recurso. Essas decisões não são um comentário sobre sua capacidade ou valor como autor. Idealmente, são uma avaliação da qualidade do artigo e de sua adequação, bem como de uma oportunidade de aprimoramento. Isso vale tanto para os pedidos de revisões maiores quanto para as rejeições. Muitas vezes, artigos rejeitados podem ser melhorados com base nas recomendações de pareceristas e editores e submetidos a outros periódicos. Se for fazer isso, considere a adequação do manuscrito ao novo periódico e certifique-se de adaptá-lo às suas diretrizes e convenções estilísticas.

Glossário de termos

Resumo (Abstract): Um breve resumo de um artigo de periódico, geralmente entre 150 e 250 palavras, que apresenta o problema de pesquisa, a contribuição do artigo, a abordagem ou os métodos utilizados e o argumento principal ou os principais resultados. Os resumos aparecem em bases de dados de periódicos e em mecanismos de busca e costumam ser a primeira parte do artigo com a qual leitores em potencial entram em contato.

Objetivos e escopo (Aims and Scope): Seção no site de um periódico que descreve os temas, abordagens, disciplinas e tipos de contribuição que a revista busca publicar. Os autores devem consultar os objetivos e o escopo do periódico para verificar se seu manuscrito se adequa à revista antes de submetê-lo.

Taxa de processamento de artigo (Author Publishing Charge – APC): Taxa cobrada por alguns periódicos para publicar um artigo, mais comum em revistas de acesso aberto ou híbridas. As APCs normalmente são pagas pela instituição do autor ou pela agência financiadora da pesquisa e destinam-se a cobrir os custos de publicação quando os artigos são disponibilizados gratuitamente.

Diretrizes para autores (Author guidelines ou Submission guidelines): Instruções fornecidas por um periódico que descrevem como os manuscritos devem ser preparados e submetidos. Geralmente incluem requisitos sobre formatação, limites de palavras, estilo de referências, figuras e o processo de submissão.

Rejeição editorial inicial (Desk rejection): Decisão tomada pelo editor do periódico de rejeitar o artigo sem enviá-lo para avaliação por pareceristas externos. Essa decisão costuma ocorrer quando o artigo é considerado fora do escopo da revista.

Revisão duplo-cega (Double-blind review): Processo de avaliação por pares no qual tanto os autores quanto os pareceristas permanecem anônimos entre si. Esse sistema busca reduzir vieses, garantindo que os avaliadores analisem o manuscrito sem conhecer a identidade ou a filiação institucional dos autores.

Índice H (H-index): Métrica utilizada para medir o impacto científico de um pesquisador. Um pesquisador tem índice H igual a *h* quando publicou *h* artigos que foram citados pelo menos *h* vezes cada. Esse índice é frequentemente calculado em bases como Google Scholar, Scopus ou Web of Science.

Fator de impacto (Impact Factor): Métrica usada para estimar o número médio de citações recebidas por artigos publicados em um periódico em um determinado período, geralmente dois anos. É frequentemente utilizado como indicador de prestígio do periódico, embora seja amplamente criticado como uma medida imperfeita da qualidade da pesquisa.

Palavras-chave (Keywords): Pequeno conjunto de termos (geralmente cinco ou seis), fornecidos além do resumo do artigo, que descrevem seus principais temas, tópicos ou conceitos. As palavras-chave ajudam leitores a localizar artigos em mecanismos de busca e bases de dados de periódicos.

Revisões menores (Minor revisions): Decisão editorial indicando que o manuscrito é, em geral, aceitável, mas requer pequenas modificações antes de ser publicado. Essas revisões podem envolver esclarecimento de argumentos, melhoria da estrutura, correção de referências ou resposta a comentários específicos dos pareceristas.

Revisões maiores (Major revisions): Decisão indicando que o manuscrito tem potencial, mas necessita de mudanças substanciais antes de poder ser reconsiderado para publicação. Isso pode incluir reformulação de argumentos, ampliação da análise, maior diálogo com a literatura ou apresentação de evidências adicionais.

Acesso aberto (Open access): Modelo de publicação no qual os artigos estão disponíveis gratuitamente online, sem barreiras de assinatura. Alguns periódicos de acesso aberto cobram uma taxa de processamento de artigo (APC), enquanto outros são financiados por instituições, associações ou órgãos públicos.

Parecerista (Referee): Pesquisador especialista convidado pelo editor de um periódico para revisar e avaliar um manuscrito submetido para publicação. Os pareceristas analisam a qualidade, originalidade, clareza e adequação do artigo e fornecem recomendações ao editor.

Relatório de parecer (Referee report): Avaliação escrita fornecida pelo parecerista durante o processo de revisão por pares. Os relatórios geralmente incluem comentários sobre os pontos fortes e fracos do manuscrito e recomendações de aceitação, revisão ou rejeição.

Número especial (Special issue): Conjunto de artigos de um periódico organizado em torno de um tema ou tópico específico e geralmente coordenado por editores convidados. Os artigos em números especiais normalmente passam pelo mesmo processo de revisão por pares que as submissões regulares.

Tempo de tramitação (Turnaround time): Tempo médio entre a submissão de um manuscrito e o recebimento da primeira decisão editorial. Os periódicos às vezes informam seus tempos médios de tramitação em seus sites.

LATIN AMERICAN GEOGRAPHIES -UK
L A G – U K

Royal Geographical Society
with IBG
Advancing geography and geographical learning

Arzeno, M., Farias, M., Finn, J., Halvorsen, S., Nunes Rodrigues, J., Palladino, L., Richmond, M., Varley, A., de Coss Corzo, A. (2026) 'Guia para publicação entre línguas e fronteiras'. Royal Geographical Society (with IBG). https://doi.org/10.55203/THKR1469